

Missão Integral **em poucas palavras**

Rodrigo BIBO de Aquino

Missão Integral em poucas palavras

Autor e Organizador: Rodrigo Bibo de Aquino

Diagramador: Junior Peres

Revisão ortográfica: Davi Pessanha

Esse e-book é uma iniciativa do blog BiboTalk.com.br com o intuito de compartilhar conteúdo cristão de qualidade na internet. Ele pode ser compartilhado em qualquer mídia sem aviso prévio, desde que citada a fonte: AQUINO, Rodrigo Bibo. Missão integral em poucas palavras. Joinville: BTBooks, 2013. E-book disponível originalmente em www.bibotalk.com.br

BTBook's – Joinville – 2013

Copyright © 2013 BiboTalk.com.br

12 Índice 789

Introdução	4
Missões depois do Pacto de Lausanne	6
1.1 O Modelo Tradicional	10
1.2 O modelo da Missão Integral	12
2 Um novo paradigma para a missão latino-americana	14
2.1 A Teologia da Libertação (TdL)	14
2.2 A TdL e a Teologia da Missão Integral (TMI)	16
3 Panorama histórico e teológico da Missão Integral	18
3.1 Origens e influências	18
3.1.1 O que é fé evangelical?	19
3.2 Teologia da Missão Integral	21
3.2.1 A interpretação contextual da TMI	21
3.2.2 Todo o Evangelho	22
3.2.3 Síntese teológica da Missão Integral	23
4 Notas sobre a vida e pensamento de René Padilla	26
4.1 Sua visão de Missão Integral	28
Considerações finais	32
Referências	34

Introdução

Desde os tempos do Novo Testamento, a Igreja precisou transmitir em palavras e ações o Evangelho de Jesus Cristo. A partir de então missões é sempre um desafio, visto ser a velha mensagem em um novo contexto. E para a missão se tornar relevante na sua época, deve considerar a integralidade da realidade da criação caída e separada de Deus. Essa alienação gera uma sociedade desigual e opressora.

Dessa forma, o fazer missão não pode considerar somente a realidade interna do indivíduo, mas a realidade externa que o cerca. Tendo isso em vista, é que começa a surgir na América Latina um fazer missiológico que procura considerar todo o contexto do indivíduo e a partir dele, tornar o Evangelho relevante. A Teologia da Missão Integral é uma delas.

O objetivo deste ebook não é o de apresentar todo o histórico da Missão Integral, ou até mesmo os movimentos que a influenciaram e contribuíram para seu surgimento, mas destacar a importância do Congresso de Evangelização Mundial de Lausanne,

que aconteceu na Suíça em 1974 e que desenhou a forma do fazer evangelização no ocidente, e também na América Latina. Também não apresenta uma visão crítica, limitando-se a uma exposição do surgimento e teologia desse movimento.

No primeiro capítulo é justamente esse panorama do conceito de missões após Lausanne que o ebook se ocupa, falando inclusive do impacto desse congresso no Brasil. O segundo capítulo apresenta as duas principais tendências no fazer missiológico surgidas no contexto da América Latina, a Teologia da Libertação e a Teologia da Missão Integral, que é o tema do terceiro capítulo. No quarto, apresentam-se breves notas sobre a vida e a teologia de René Padilla, um dos maiores articuladores da Teologia da Missão Integral.

Missões depois do Pacto de Lausanne

A expressão “missão integral” é relativamente nova, se comparada ao modelo de missão que ela representa. Surge no seio da Fraternidade Teológica Latino-Americana - FTL há mais ou menos quatro décadas. Seu intuito era o de enxergar a missão da igreja dentro de um modelo mais bíblico, diferenciando-se assim, do modelo tradicional de missão instalado nos círculos evangélicos.

A missão integral recebeu influências de movimentos dos Estados Unidos, Europa e América Latina. Mas segundo Barro, foi o congresso de 1974 que influenciou decisivamente a discussão acerca da missão na América Latina. A partir desse congresso o mundo evangélico, de forma geral, começou a refletir sobre a missão integral¹ da igreja e os teólogos

¹ BARRO, Antônio Carlos. Revisão do marco da missão integral. In: **Missão integral**: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo. Ultimato: Viçosa, 2004. p. 72-89.

latino-americanos começaram a influenciar o debate missiológico além de suas fronteiras.²

O movimento evangelical é redimensionado a partir de Lausanne e influenciado pelo pacto que foi assinado pelas 2.700 pessoas presentes no congresso. O Pacto de Lausanne teve como redator final o teólogo anglicano John Stott e se destaca pela sua abrangência. Longuini Neto comenta que houve inclusive algumas divergências, pois como o congresso tinha muitos participantes do terceiro mundo, o pacto teve ênfase na evangelização e responsabilidade social.³

O Pacto de Lausanne aborda os seguintes temas: propósito de Deus; a autoridade e o poder da Bíblia; a unicidade e a universalidade de Cristo; a natureza da evangelização; a responsabilidade social cristã; a igreja e a evangelização; a cooperação na evangelização; o esforço conjugado de igrejas na evangelização; a urgência da tarefa evangelística; evangelização e cultura; educação e liderança; conflito espiritual; liberdade e perseguição; o poder do Espírito; e o retorno de Cristo.⁴

No ponto sobre a responsabilidade social da igreja, o Pacto de Lausanne afirma a condição soberana de Deus sobre a criação e a Sua justiça. Dessa forma, seus filhos devem partilhar desse sentimento e lutar pela libertação dos oprimidos e marginalizados, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou

² Disponível em <<http://www.igrejamiissionariabrasileira.org/e5.php>> Acesso em: 17 de nov. 2010.

³ LONGUINI NETO, Luis. **O novo rosto da missão**: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 27.

⁴ LONGUINI NETO, 2002. p. 76.

idade, pois toda a humanidade é criada a imagem e semelhança de Deus, por isso, possui dignidade intrínseca. Atesta ainda que responsabilidade social e evangelismo fazem parte do dever cristão; ambos configuram o agir da igreja na criação.⁵

Ao comentar essa resolução do pacto, Stott enfatiza que a ação cristã emerge da doutrina cristã, por isso, essa seção não se limita a dizer que os cristãos devem ter responsabilidades sociais, antes, ela parte de quatro doutrinas que exprimem o engajamento social do cristão: a doutrina de Deus, do homem, da salvação e do reino.⁶ Ao falar sobre Deus, nessa seção, o pacto realça sua ação libertadora em prol do povo. Ao resgatar a antropologia teológica, o pacto justifica a luta por justiça com base na igualdade entre os seres humanos como *imago Dei*, por isso, quem fere o semelhante, afronta o próprio Deus. Quando fala de salvação, Lausanne quer deixar claro que responsabilidade social não é igual a salvação, mas salvação é libertação do mal onde quer que ele atue. E, por último, ao mencionar a doutrina do reino, pretende-se trazer à tona o justo governo de Deus e a reta conduta dos seus súditos.⁷

A influência do espírito de Lausanne chegou ao Brasil em 1983 no primeiro Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE-83), em

5 WINTER, R.; HAWTHORNE, S.C.; BRADFORD, K.D. (Ed) **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 782ss.

6 STOTT, J. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne**: uma exposição e comentário. São Paulo: ABU, 1984. p. 28. Série Lausanne.

7 STOTT, 1984, p. 28ss

Belo Horizonte. Nas palavras de Manfred Grellert:

O magno e frutescente Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em 1974, [...] não foi somente um evento marcante na vida de 4.000 congressistas vindos de muitos países. Ele desencadeou um movimento de evangelização de grupos humanos concretos, que antes não contavam com a presença cristã significativa, como também deu impulso a uma reflexão teológica sobre assuntos relacionados com a evangelização do mundo. [...] Lausanne é um interessante experimento de convívio entre peritos em estratégia missionária (os práticos) e peritos em teologia (os teóricos); convívio, aliás, por vezes tenso, mas frutífero e criativo. [o CBE-83] houve por bem tornar mais explícito o vínculo espiritual, teológico e missiológico que o liga ao movimento de Lausanne, através de alguns textos básicos que surgiram sob os auspícios da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial.⁸

Vinte anos depois, em 2003, é realizado o Segundo Congresso Brasileiro de Evangelização, também em BH. Segundo Grellert, o Brasil ainda está aprendendo a fazer Missão Integral, pois ela mesma ainda está em construção. A marca do congresso foi “o compromisso com o evangelho de Jesus Cristo, nosso salvador e Senhor. Mas também o nosso amor por nossa terra, nossa gente e nossa cultura. O desejo de praticar a missão integral nos une”.⁹

Depois de Lausanne, ficaram evidentes duas maneiras de se entender a principal missão da igreja. Os mais conservadores continuaram crendo que a evangelização é a principal tarefa da

⁸ GRELLERT *apud* LONGUINI NETO, 2002. p. 77-78.

⁹ GRELLERT, M. Prefácio. In: **Missão integral**: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo. Ultimato: Viçosa, 2004. p. 12.

igreja, e outro grupo “começou a trabalhar na direção de que não há prioridade na missão da igreja [...] tanto a evangelização como a ação social se completam, sem uma priorização entre elas”.¹⁰

A seguir, delinear-se-á algumas diferenças entre o modelo tradicional de missão e o modelo da missão integral.¹¹

1.1 O Modelo Tradicional

No modelo tradicional a missão é concebida essencialmente como um cruzar de fronteiras geográficas com o propósito de levar o evangelho do “mundo ocidental cristão” para os “campos missionários” do mundo não-cristão (os países pagãos). Em outras palavras, falar de missão era falar de missão transcultural. O propósito da missão era “salvar almas” e “plantar igrejas”. O papel da igreja local ficou reduzido a prover pessoas para a missão e dar apoio espiritual e econômico.

Esse modelo foi instigado no afã de cumprir Mc 16.15 e é inegável que, apesar de suas deficiências, este conceito de missão que prevalece nas missões modernas inspirou (e ainda segue inspirando) milhares de missionários transculturais a sair de suas terras para difundir as boas novas da salvação em Jesus Cristo.

Graças a essa compreensão tradicional de missão, hoje a Igreja é um movimento de alcance mundial, com congregações em

¹⁰ BARRO, 2004. p. 72-89.

¹¹ Com base em PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009. p. 14ss.

praticamente todas as nações da terra.

Padilla afirma que a identificação da missão da igreja com a missão transcultural gerou pelo menos quatro dicotomias, que de certa forma afetam negativamente a igreja. Dessas quatro, duas ganham destaque:

A) Dicotomia entre missionários, chamados por Deus a servi-lo, e cristãos comuns, que podiam desfrutar dos benefícios da salvação, mas estavam excluídos de participar do que Deus quer fazer no mundo. Atrevemo-nos a sugerir que a dicotomia entre “clérigos” (incluindo missionários e pastores) e “leigos” está na raiz do problema de muitos “domingueiros” que fazem parte do povo evangélico.¹² B) Dicotomia entre a vida e a missão da igreja. Se, para a igreja ser considerada “missionária” bastasse enviar e apoiar alguns de seus membros para que se ocupassem da missão, algumas igrejas não teriam nenhum impacto significativo em sua vizinhança: a vida se desenvolve na situação local (em casa), mas a missão em outro lugar, preferencialmente no exterior (o campo missionário).¹³

Fica evidente, a partir do exposto acima, que essa dicotomia se origina da redução da missão a um esforço missionário transcultural. Disso resulta a ideia de que missão consiste, tão somente, na tarefa de evangelização que um missionário enviado por alguma igreja local realiza num campo missionário em algum lugar do mundo, cumprindo assim a tarefa missionária de toda a igreja.

¹² Caminha nesse sentido a obra **Os outros seis dias** de R. Paul Stevens, da editora Ultimato. Nela o autor expõe os perigos dessa dicotomia entre cleros e leigos e retoma o sacerdócio geral de todos os crentes a partir das Escrituras.

¹³ PADILLA, C. René. *O que é missão integral?* Viçosa: Ultimato, 2009. p. 14-16.

1.2 O modelo da Missão Integral

A partir da Missão Integral, o fator geográfico torna-se secundário; a única fronteira a ser cruzada é o que é fé e o que não é e isso só depende do anúncio da pessoa e obra de Jesus Cristo, independentemente do local onde esse anúncio é feito.¹⁴ Cada igreja é convidada a participar da missão de Deus, uma missão que tem alcance local, regional e mundial.

A proposta da missão integral exige que a igreja comunique o evangelho mediante tudo o que é, faz e diz.

Dessa forma, cada membro passa a servir aos interesses do reino de Deus,¹⁵ e começa a entender que o objetivo da igreja não é crescimento numérico, abundância em bens materiais ou poder político, mas é ser um sinal histórico desse reino, que tem como emblema o amor e a justiça.

Cumprir esse propósito é tarefa de todos os membros da igreja, sem exceção, que recebem do Pai dons e ministérios para o exercício de seu sacerdócio; assim, testificam “do amor e da jus-

¹⁴ Aquino afirma: “Parece-me que o conceito de missão está fortemente ligado ao texto de Mc 16.15, onde a ênfase recai no IDE! É inegável que esse versículo inflamou corações a percorrerem o mundo anunciando o evangelho, contudo, amarrou missão com deslocamento geográfico, e isso, de certa forma, pode ser um problema. Ao fazermos uma tradução literal a partir do texto grego de Mc 16.15 descobrimos algo importante: “E disse a eles: *Indo para o mundo inteiro proclamai o evangelho...*”, o imperativo do versículo não é o *ir*, mas o **proclamar**. Se a ênfase é o proclamar, logo, não preciso me deslocar geograficamente, mas, onde estiver, posso viver minha identidade como igreja de Deus.” AQUINO, Rodrigo de. **Rascunhos da Alma**: reflexões sobre espiritualidade cristã. Joinville: Refidim, 2009. p. 67.

¹⁵ KIVITZ, E. R. In: **Missão integral**: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo. Ultimato: Viçosa, 2004. p. 64-65.

tiça revelados em Jesus Cristo, no poder do Espírito, em função da transformação da vida humana em todas as suas dimensões, tanto em âmbito pessoal como em âmbito comunitário.”¹⁶

Desta forma, as dicotomias do modelo tradicional são superadas, e todos se descobrem como participantes da obra redentora de Cristo, não importando o local, status social ou cargo eclesial.

No próximo capítulo explorar-se-á um breve panorama histórico da Missão Integral e seus princípios teológicos.

¹⁶ PADILLA, 2009, p. 18-19.

Um novo paradigma para a missão latino-americana

2.1 A Teologia da Libertação (TdL)

O contexto de pobreza e discriminação social tornou a América Latina um solo fértil para o desenvolvimento de um labor missiológico que lutasse por justiça e igualdade. Assim nasceu a Teologia da Libertação, que na década de 60 ganha força com a 2ª conferência do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín e com o lançamento da obra Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, o primeiro tratado sistemático da TdL.¹⁷

Leonardo Boff, um dos grandes articuladores da TdL afirma:

A teologia da libertação procura articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse pela libertação dos pobres; em função disso, ela utiliza as ciências

¹⁷ GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 347-48

do homem e da sociedade, medita teologicamente e postula ações pastorais que ajudem o caminho dos oprimidos.¹⁸

Um dos esquemas metodológicos da TdL é o ver-julgar-agir. Esse método já tem uma história anterior e foi muito utilizado pelos movimentos de base nos círculos católicos desde a década de 50. O mérito da TdL é a maneira científica com que esse método foi retrabalhado por Clodovis Boff o elevando ao nível teórico, viabilizando a reflexão teórica em cada um dos três momentos do esquema. Assim,

Temos a meditação sócio-analítica, que aprofunda teoricamente o “ver”, a análise da realidade, o primeiro passo. Depois temos a mediação hermenêutica, que aprofunda teoricamente o “julgar”, a interpretação teológica, o segundo passo. Enfim, teríamos ainda a mediação prática ou “pastoral”, que reflete sobre as implicações práticas dos problemas levantados.¹⁹

Isto é, na mediação sócioanalítica, o fiel engajado se apoia nas ciências sociais para ler a realidade que o cerca, geralmente sob a lente do marxismo. Se na patrística os teólogos utilizaram largamente a filosofia platônica para construir seus pensamentos, na TdL são as ciências sociais que nortearão seu agir local. Com mediação hermenêutica tem-se a interpretação das Escrituras e das tradições cristãs pautada pela situação política e social de-

¹⁸ BOFF, L. *apud* GIBELLINI, 1998, p. 354.

¹⁹ MUELLER, Enio R. **Teologia da libertação e marxismo**: uma relação em busca de explicação. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 7 Série Teses e Dissertações. p. 153.

terminada, ou seja, lida com a mediação sócioanalítica. É nesse encontro que a leitura sociológica se transforma em leitura teológica da mesma realidade. Essa leitura do meio, de maneira sócio-teológica, visa servir a prática pastoral. GIBELLINI complementa: “A teologia da libertação foi elaborada a partir da opção básica pelos pobres e na articulação mútua dessas três mediações. As três mediações correspondem ao esquema tripartido – análise dos fatos, reflexão teológica, sugestões pastorais.”²⁰

Os pensadores da libertação tinham plena consciência de que não estavam apenas fazendo um novo pensar teológico, antes disso, um agir libertador. Os irmãos Boff enfatizaram que antes de fazer teologia, é preciso fazer libertação, viver comprometido com a fé e com processos libertadores, estar engajado na causa dos oprimidos. “Sem essa pré-condição concreta a Teologia da Libertação vira mera literatura.”²¹

2.2 A TdL e a Teologia da Missão Integral (TMI)

A TdL, mesmo partindo do contexto católico, exerceu influência no desenvolvimento da Teologia da Missão Integral. Isso é explicitado no uso bibliográfico que os teóricos da TMI fizeram dos teólogos da libertação. Orlando Costas fala da influência que teve do teólogo da libertação Segundo Galileia:

²⁰ GIBELLINI, 1998, p. 356.

²¹ MUELLER, 1996, P. 159.

Inspirado na obra de Emilio Castro, *Hacia una pastoral latinoamericana* e nos escritos do pastoralista católico, Segundo Galilea, proponho uma pastoral social, que toma a sério o caráter pastoral da igreja, a situação concreta dos povos latino-americanos, a herança da Reforma do século XVI e a tradição evangélica latino-americana.

A TdL e a TMI estão situadas no mesmo contexto sócio-político e econômico; o que as diferencia é o sistema e o método teológico. A TMI nasce e pensa a partir do evangelicalismo latino-americano, por isso, seus pressupostos e motivações diferem.

Panorama histórico e teológico da Missão Integral

3.1 Origens e influências

A TMI ou Missão Integral da Igreja, como também é conhecida, tem suas raízes históricas nos movimentos evangélicos trazidos para a América Latina pela missão protestante-evangélica dos séculos XIX e XX. A TMI nasce da revisão missiológica e da reflexão dessas missões a partir do contexto da América Latina. “Compreender a natureza e a abrangência da responsabilidade missionária da igreja, à luz das Escrituras e da realidade sócio-cultural onde ela é chamada a missionar, é o seu desafio” declara Sanches.²³

O termo integral surge, após essa revisão missiológica crítica, porque os missionários não podiam se preocupar somente com a salvação da alma e livra-

²³ SANCHES, 2009, 56.

mento do pecado. Missão feita na América Latina precisaria se preocupar de forma holística com o ser humano, com tudo que diz respeito a sua realidade histórica. A TMI foi uma resposta dos teólogos evangélicos latino-americanos aos estrangeiros de como se deve pensar e agir missões aqui nesse continente, sem abrir mão das bases de fé evangélicas.

3.1.1 O que é fé evangélica?

Como a proposta é panorâmica, não se fará um resgate histórico do movimento evangélico, mas, é importante dizer que ele é fruto, indireto, da Reforma Protestante, desencadeada por Martinho Lutero no século XVI. Esse evento foi decisivo para o cristianismo, marcando a ruptura entre o período medieval e a modernidade. A partir dessa reforma, muitas outras se sucederam rompendo as fronteiras da Europa.

O Evangelicalismo tem suas origens tanto no pietismo alemão como, de forma mais direta, nos avivamentos da Grã-Bretanha e da América do Norte. José Miguez Bonino afirma que a fé evangélica tem como base a confiança irrestrita na Bíblia, a pregação da salvação, o perdão dos pecados por Jesus Cristo através da sua obra salvadora e a necessidade de conversão ao evangelho. E ainda complementa:

Todos podemos reconhecer nesse resumo a teologia do pietismo e do Grande Despertar (ou avivamento) do séc. 18 que associamos aos nomes de Wesley e Whitefield na Grã-Bretanha e de Jonathan Edwards nos Estados Unidos e que permeia a maior parte do protestantismo anglo-saxão e seguramente a totalidade do seu etos missionário. [...] É notável perceber que, não obstante sua diversidade confessional – metodistas, presbiterianos e batistas em sua maioria – e de origem – americana e britânica –, todos compartilham um mesmo horizonte teológico, que se pode caracterizar com o termo evangélico.²⁴

Esse é o berço teológico que gera a TMI. É o diálogo dessa teologia com a realidade latino-americana. E esse diálogo aconteceu em inúmeras conferências e congressos sobre missões realizados no continente latino.

Para mais detalhes desses encontros bem como a influência do movimento ecumênico, do Conselho Mundial de Igrejas e a atuação e contribuição da ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina e a criação da FTL – Fraternidade Latino Americana, veja o livro LONGUINI NETO, Luis. O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

3.2 Teologia da Missão Integral

3.2.1 A interpretação contextual da TMI

A hermenêutica contextual é um princípio de interpretação que possibilita dupla tarefa: perceber a palavra de Deus nas circunstâncias de vida do texto bíblico (contexto bíblico) e perceber a realidade atual, do leitor, e julgá-la à luz do contexto bíblico. A interpretação contextual confronta a realidade bíblica com a realidade atual à luz do conceito do Reino de Deus. Como afirma Sanches:

É nesta dinâmica que se realiza o círculo hermenêutico, no ir e vir da palavra de Deus, que na verdade não é simplesmente um dado histórico a ser atualizado, mas é a fala de Deus ao mundo em todos os tempos e lugares. O problema não está na Palavra e sua efetividade como poder de transformação da realidade, mas na sua hermenêutica, que geralmente tendem a universalizar a mensagem bíblica e comprometem, com isto, a sua mensagem encarnacional.²⁵

Para Mueller, a mentalidade bíblica da criação é integral, no sentido de que desde o Antigo Testamento tem-se a noção com o todo pessoal, do coletivo, do social e comunitário. No Novo Testamento também, a redenção envolve toda a criação (Rm 8.19ss). Por isso, missão envolve mais do que pregação da Palavra. Pode-

²⁵ SANCHES, 2009, p. 137.

-se notar isso no ministério de Jesus.²⁶

Em Jesus acontece a irrupção do Reino de Deus, cuja característica é justiça, liberdade e paz. Por isso, a TMI assumiu como chave hermenêutica o conceito de Reino de Deus para construir sua teologia. Esse Reino adentra na história humana e quer penetrar em todas as camadas da existência. A Igreja é a comunidade do Reino que prega e age por meio da Palavra. Como afirma Sanches: “a vida da Igreja no mundo é vida em missão em torno da Palavra em função do Reino de Deus.”²⁷

3.2.2 Todo o Evangelho

A Teologia da Missão Integral, como o próprio nome sugere, pretende ser uma Teologia que se ocupa com a totalidade da realidade que precisa ser redimida. Tem como alvo não apenas a salvação de almas individuais, mas, sobretudo, a salvação do emaranhado de situações que comprometem a vida e o seu bem-estar. Portanto, o foco não está unicamente no indivíduo, mas este em sua relação com seu contexto social, político, econômico, entre outros. De acordo com Sanches:

A realidade humana é abrangente e integra vários aspectos que se interrelacionam, e não podem ser tratados parcialmente. [...] É nessa

26 MUELLER, E. A interpretação da Bíblia e a Missão Integral. In: STEUERNAGEL, Valdir R. (Org) **A missão da Igreja**: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja e na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994. p. 58.

27 SANCHES, 2009, 141.

realidade humana integral e complexa que a Igreja é chamada a missionar, portanto, não há outra forma de realizar a missão no mundo, senão na perspectiva da integralidade.²⁸

“O evangelho todo para o homem todo, para todos os povos”. Este é o lema que sintetiza a Teologia da Missão Integral. Sua base teológica encontra-se exposta, entre outros, no conhecido “Pacto de Lausanne” como já dito acima. Entende que a evangelização consiste na divulgação das boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor, ele agora oferece o perdão dos pecados a todos os que se arrependem e creem. Ressalta ainda, que Deus é o Criador e juiz de todos os homens. Portanto, deve-se partilhar a sua vontade pela justiça e reconciliação em toda a sociedade humana, e pela salvação dos homens de todo tipo de opressão. Isso significa que a fé cristã está inevitavelmente ligada às questões políticas e sociais, que outrora, tantas vezes foram negligenciadas.

3.2.3 Síntese teológica da Missão Integral²⁹

A TMI oferece uma lente de leitura e interpretação bíblica no afã de fundamentar a ação cristã na criação. Como já exposto aci-

²⁸ SANCHES, 2009, p. 147.

²⁹ Tópico elaborado a partir do escrito de KIVITZ, E. R. Uma síntese teológica da Missão Integral. In: **Missão Integral**: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo. Ultimato: Viçosa, 2004. p. 63-65.

ma, a TMI parte de pressupostos evangélicos, por isso, seu kerigma tem como base o anúncio de que Jesus Cristo é o Senhor, seguido da convocação ao arrependimento e à fé, para acesso ao Reino de Deus. Essa mensagem, se aceita, encaminha a pessoa a servir, com tudo o que tem e quanto produz, aos interesses de Deus e seu projeto no mundo.

A soteriologia na perspectiva da TMI é o domínio de Deus sobre toda a criação, por meio daqueles que foram restaurados à imagem de Cristo, o primogênito dentre muitos irmãos. Salvação não diz respeito somente a redenção pessoal, mas de todo o cosmos, quando Deus criará novos céus e nova terra. Nessa dinâmica do já e ainda não do Reino de Deus, a Igreja é vocacionada a anunciar esse reino vindouro, que já mostra seus sinais de salvação desde a obra de Cristo, até que tudo seja transformado. Dessa forma, a salvação já acontece quando vidas são transformadas à luz desse reino.

Ainda que a salvação seja pessoal e individual, a peregrinação espiritual é coletiva. Nesse sentido, a eclesiologia integral afirma que a Igreja é a unidade dos redimidos que são transformados de glória em glória, pelo Espírito Santo, até que aquele que começou a boa obra, termine. E como corpo de Cristo, essa comunidade de redimidos é que testemunha do Reino de Deus; por isso, a missiologia integral se preocupa em ser a sinalização histórica dessa ação de Deus na implantação do seu

Reino. A missão da Igreja é manifestar aqui e agora o Reino que já está entre nós, mas não ainda na sua plenitude.

A antropologia da TMI resgata a visão bíblica do ser humano e não o divide em partes; antes, o considera em todas as suas dimensões bio-psico-socio-espirituais – a pessoa inteira em seu contexto. A implantação do Reino de Deus não visa somente a “salvação da alma”, mas a preservação da vida, do ser humano.

A missão da igreja, portanto, não consiste apenas do testemunho de uma mensagem verbal, convocando espíritos humanos a que recebam perdão para os pecados e se acomodem na esperança do céu pós-morte. A missão da igreja consiste em levar o evangelho todo para o homem todo, convocando pessoas (unidade corpo-espírito) para que se integrem e participem do reino de Deus desde já, rendendo todas as áreas e dimensões da existência humana à autoridade de Jesus.

Notas sobre a vida e pensamento de René Padilla³⁰

O que justifica falar desse teólogo é sua intensa contribuição para a compreensão de missiologia no contexto da América Latina. Ao apresentar aspectos da sua teologia, conceitos já mencionados acima aparecerão novamente, pois é substancial a influência de Padilla na teologia da TMI.

Carlos René Padilla nasceu num lar batista em 1932, em Quito, Equador, mas cresceu na Colômbia. Por assumir desde cedo uma postura evangélica, na terceira série foi expulso da escola por não querer participar de uma procissão católica-romana. Esse clima adverso forçou a família a retornar a Quito e lá Padilla diz ter experimentado uma conversão consciente e assumido um compromisso pessoal com Jesus Cristo. Aos dezesseis anos, já pregava em peniten-

³⁰ Capítulo elaborado a partir da obra de ZWETSCH, Roberto E. **Missão como compromisso: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 146-206.

ciárias, nas ruas e na rádio.

Fez mestrado nos EUA e nesse tempo percebeu que todo o seu estudo teológico não respondia as inquietações dos imigrantes latinos com quem tinha muito contato naquela época. Essa constatação foi o tema do seu doutorado na Inglaterra, onde versou sobre a relação entre a igreja e o mundo no ensino do apóstolo Paulo, a partir do contexto da América Latina. Essa temática guiaria sua teologia daquele ponto em diante.

Em 1971 surgia, a partir do encontro de evangélicos (intelectuais e teólogos) a Fraternidade Latino Americana – FTL e nesse evento foi a palestra de Padilla o eixo sobre o qual girou toda a discussão. A FTL foi a grande fomentadora dos congressos que mudaria o rumo da missiologia latino-americana, como já dito acima.

René Padilla e Samuel Escobar foram os representantes latinos em Lausanne, e o grupo do qual participavam: “Discipulado Radical” foi responsável por trazer a reflexão que tornaria o Pacto de Lausanne tão relevante para a missão da igreja, ao questionar o modelo tradicional de missão.

Ao longo da sua trajetória como conferencista, articulador do movimento estudantil evangélico internacional, editor de literatura evangélica, pastor local e liderança reconhecida nos meios evangélicos vinculados ao Movimento de Lausanne, René Padilla foi coerente com essa linha de pensamento. Sua luta por um evangelho integral, que tenha fundamento bíblico sólido, mas ao mesmo tempo, seja encarnação contextual de vida das pessoas e comunidades na América

Latina, o acompanha até hoje, orientando sua ação pastoral, profissional e ética.³¹

4.1 Sua visão de Missão Integral

Para Padilla, evangelização vai além da salvação de almas (modelo tradicional), mas é a ação transformadora da igreja no anúncio do Reino de Deus. O conteúdo desse anúncio é o evangelho de Cristo que redimensiona totalmente a vida da pessoa que nele crê. Paralelamente, é uma mensagem cósmica, que diz respeito a toda criação. O evangelho se dirige a velha humanidade marcada pelo pecado de Adão, alienada de Deus e condenada a morte. Esses, Deus chama, por meio da sua igreja, para integrar-se a nova humanidade iniciada em Jesus Cristo e viverem a partir da justiça e da perspectiva da vida eterna.

A mensagem evangélica vai além do anúncio de perdão, Padilla afirma: “a obra de Deus em seu Filho não pode ser reduzida a uma limpeza da culpa do pecado: é também um traslado ao Reino messiânico que em Cristo se fez presente por antecipação (Colossenses 1.13)”³² Assim, a igreja tem essa dimensão profética na luta por justiça social, direitos humanos, preservação da natureza como criação de Deus, quando ela esquece essas dimensões do seu chamado, perde sua essência.

O conteúdo do evangelho, para Padilla, não é uma nova dou-

³¹ ZWETSCH, 2008, p. 153.

³² PADILLA *apud* ZWETSCH, 2008, p. 157.

trina, mas um evento: o reino de Deus. O que Jesus anunciou não foi somente a iminência, mas a própria chegada da nova realidade que já começa a se realizar no meio do povo por meio de Sua pessoa (Mt 12.28).

Obviamente a Missão Integral não ignora as doutrinas fundamentais da fé cristã. Padilla afirma que ao resgatar a Palavra de Deus, a igreja precisa falar de culpa e redenção. A justificação, só pra citar uma doutrina, é a libertação da culpa do pecado, contudo:

A justificação genuína não pode ser separada dos frutos da justificação, assim como a fé não pode ser separada das obras. A fé sem arrependimento não é a fé salvadora, mas uma “crendice” presunçosa. O propósito do evangelho é produzir em nós a fé, mas a fé ativa pelo amor. Sem o amor não há fé genuína. Se bem que seja verdade que ninguém é salvo pelas obras, também é verdade que a fé que salva é a fé que atua. Nas palavras de Lutero: “A fé sozinha justifica, mas a fé nunca está só”. O indicativo do evangelho e o imperativo da ética cristã podem ser distinguidos, mas nunca devem ser separados.

Padilla sustenta que conversão não é troca de religião, mas reestruturação de toda a personalidade, uma reorientação de toda a vida no mundo.

Diz ainda que não se pode desqualificar a fé, afirmando que ela não deve se envolver em questões críticas da sociedade, pelo contrário, a fé obediente ao senhorio de Cristo, é engajada na

construção de um mundo mais justo. Contudo, Padilla é consciente de que a Igreja não é chamada para resolver todos os dilemas humanos ou miséria dos povos, é chamada para ser fiel a Deus com aquilo que tem. Ele diz: “A maior contribuição que a igreja pode fazer ao mundo é ser tudo o que ela deve ser. Entre outras coisas: (a) Uma comunidade de reconciliação [...] (b) Uma comunidade de autenticidade pessoal [...] (c) Uma comunidade de serviço e entrega.”³⁴

Padilla também foi severo crítico do movimento do Crescimento da Igreja. Disse que o crescimento numérico é importante, pois Deus deseja salvar muitas pessoas, contudo, qualidade é mais importante que quantidade: “a fidelidade ao evangelho nunca deve ser sacrificada no altar da quantidade. Quando se manipula o Evangelho a fim de facilitar para que todos sejam cristãos, coloca-se já de saída a base de uma igreja saudável.”³⁶

Obviamente, esse ebook não pode abarcar todos os conceitos da teologia de Padilla, por isso, para encerrar essa pesquisa, um breve resumo de como ele entende a missão da igreja:

A missão da igreja hoje é aquela que sabe honrar o nome de Jesus Cristo, é a missão em que se mostra uma compaixão real pelo homem integral, como pessoa e como membro de uma sociedade, em seu aspecto pessoal e em seu aspecto comunitário. Eu creio que, na América Latina, por muito tempo trabalhamos como se as pessoas não tives-

³⁴ PADILLA *apud* ZWETSCH, 2008, p. 163.

³⁵ Iniciado por Donald McGavran desde o final dos anos de 1950.

³⁶ PADILLA *apud* ZWETSCH, 2008, p. 160.

sem corpo, só alma. Hoje as coisas estão mudando. Somos seres psicossomáticos e espirituais e, portanto, a atenção tem que ser ao homem integral na sociedade e na comunidade.³⁷

³⁷ REY *apud* ZWETSCH, 2008, p. 155.

Considerações finais

A Teologia da Missão Integral visa despertar as igrejas a apresentarem o evangelho de Jesus a partir do seu contexto. São as perguntas advindas da América Latina que a Igreja latina deve se preocupar em responder. O modelo tradicional de missão, importado, não leva em consideração o sacerdócio geral de todos os crentes e o fato de que toda a Igreja é missionária, e não somente uns eleitos por um presbitério ou conselho.

Assim como o Pai enviou o Filho, assim o Filho nos envia (Jo 20.21) e através do Seu Espírito Santo nos capacita a anunciar a mensagem do Reino (At 1.8). A TMI é somente uma ferramenta para a prática dessa missão. Ela visa dialogar e olhar para o mundo, pois ele é o palco da atuação de Deus. A missão de Deus é missão no mundo.

A igreja não faz missão, ela é missão. E é a única organização no mundo que carrega a mensagem de salvação que o ser humano precisa, por isso, ela não pode se preocupar em somente apresentar a salvação da alma, pois isso é parte do problema hu-

mano. Salvação na TMI é o resgate do ser humano das amarras do pecado, entranhado em todos os níveis da sociedade.

A nova humanidade em Cristo vive a plenitude da Imago Dei, e nesse sentido, faz do mundo o seu jardim, alvo do seu cuidado.

Referências

AQUINO, Rodrigo de. **Rascunhos da Alma: reflexões sobre espiritualidade cristã**. Joinville: Refidim, 2009.

BARRO, Antônio Carlos. *Revisão do marco da missão integral*. In: **Missão integral: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo**. Ultimato: Viçosa, 2004.

BONINO, J. M. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

Disponível em <<http://www.igrejamiSSIONARIABRASILEIRA.org/e5.php>> Acesso em: 17 de nov. 2010.

GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

LONGUINI NETO, Luis. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.

MUELLER, Enio R. **Teologia da libertação e marxismo: uma relação em busca de explicação**. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 7 Série Teses e Dissertações.

PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.

SANCHES, Regina Fernandes. **A teologia da missão integral: história e método da teologia evangélica latino-americana**. São Paulo: Reflexão, 2009.

STEUERNAGEL, Valdir R. (Org) **A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja e**

na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

STOTT, J. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne:** uma exposição e comentário. São Paulo: ABU, 1984. Série Lausanne.

WINTER, R.; HAWTHORNE, S.C.; BRADFORD, K.D. (Ed) **Perspectivas no movimento cristão mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão:** por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008.



Teologia é o nosso Esporte